

## Um oceano, dois celulares e quatro gerações: interatividade familiar a partir de *lives* de português língua de herança no Instagram

*Un océano, dos móviles y cuatro generaciones:  
interactividad familiar a partir de lives de português  
lengua de herencia en Instagram*

Andreia Sanchez Moroni<sup>1</sup>  
Artemis Sanchez Moroni<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho traz um relato de experiência sobre o impacto de *lives* do Instagram na interatividade de quatro gerações de uma mesma família durante a pandemia do COVID-19, entre março e junho de 2020, no Brasil, onde se encontravam um casal de bisavós e a avó, e na Catalunha (Espanha), onde se encontravam a mãe e a filha. Propõe-se uma perspectiva situada de produção de conhecimento, já que as pesquisadoras, avó e mãe, participam da experiência relatada. O ponto de partida é a necessidade de adaptar aulas presenciais de português língua de herança (PLH) a um formato on-line. A professora e sua filha passam a apresentar uma *live* semanal no Instagram, que chega a uma audiência mais ampla, incluindo seus familiares. Este formato desencadeia trocas de conhecimento e afetivas e permite refletir sobre a inclusão de idosos em práticas sociais mediadas por novas tecnologias e sobre novas formas de se relacionar a partir delas.

**Palavras-chave:** Interatividade; afetividade; português língua de herança; pandemia COVID-19; *lives* de Instagram.

### Resumen

*Se presenta un relato de experiencia sobre el impacto de lives de Instagram en la interactividad de cuatro generaciones de una misma familia en la pandemia del COVID-19, entre marzo y junio de 2020, en Brasil, donde se encontraban una pareja de bisabuelos y la abuela, y Cataluña (España), donde se encontraban la madre y la hija. Se propone una perspectiva situada de producción de conocimiento, pues las investigadoras, abuela y madre, participan de la experiencia relatada. El punto de partida es la necesidad de adaptar clases de portugués lengua de herencia (PLH) a un formato on-line. La profesora y su hija empiezan a presentar una live semanal en Instagram que alcanza una audiencia más amplia, incluyendo a sus familiares. Este formato desencadena intercambios de conocimiento y de afectos, y permite reflexionar sobre la inclusión de personas mayores en prácticas sociales mediadas por nuevas tecnologías y sobre nuevas formas de relacionarse a partir de ellas.*

---

<sup>1</sup> Andreia Sanchez Moroni é doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp; Doutora em Filologia Catalã pela Universidade de Barcelona – UB; pesquisadora colaboradora do Centro Universitário de Sociolinguística e Comunicação – CUSC-UB; professora da Faculdade de Educação da Universidade Internacional de La Rioja.

<sup>2</sup> Artemis Sanchez Moroni é doutora em Engenharia da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (FEEC, 2003). É pesquisadora na Divisão de Sistemas Ciberfísicos do Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer (DISCF/CTI) em Campinas, SP. É pesquisadora colaboradora no Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora da UNICAMP (NICS/Unicamp). Áreas de interesse: sistemas interativos multimodais; robótica social; arte computacional; criatividade computacional.

**Palabras clave:** *Interactividad; afectividad; portugués lengua de herencia; pandemia COVID-19; lives de Instagram.*

Este trabalho traz um relato de experiência sobre o impacto de *lives* do Instagram na interatividade de quatro gerações de uma mesma família – um casal de bisavós, a avó, a mãe e a filha – a partir de uma experiência on-line direcionada à promoção e manutenção do Português Língua de Herança (PLH). Os bisavós e a avó se encontravam numa cidade do Estado de São Paulo, no Brasil, e a mãe e a filha na Catalunha, na Espanha. O período do relato discorre entre os meses de março a junho de 2020 e engloba o confinamento mais restritivo da pandemia do COVID-19 experimentado na Espanha. Em paralelo, no Brasil, pouco se sabia sob a COVID-19, observava-se o que acontecia na Europa e na China e decisões ou orientações com impacto na população eram tomadas a partir desses referentes. Novas rotinas se estabeleciam, copiando os modelos distantes. O isolamento social revelou-se um grande desconforto para as famílias, em particular para os idosos, já restritos em suas atividades e privados do convívio familiar. Os cuidados recomendados pareciam exagerados, nada sugeria os índices que viriam depois (Brasil, 2021a).

Para relatar esta experiência, partimos de um enfoque acadêmico interdisciplinar e situado (Andreia S. Moroni, 2017) de produção de conhecimento, em que as pesquisadoras, uma da área de Interatividade (a avó) e outra da área de Linguística Aplicada (a mãe), também intervêm e atuam no contexto em que a experiência relatada ocorre. Reivindica-se, ainda, uma perspectiva feminina e feminista de fazer pesquisa, na qual a afetividade é um dos elementos centrais que permite que a experiência apresentada seja gerada, analisada e narrada na academia (Andreia S. Moroni, 2017). A esse respeito, o vínculo familiar das pesquisadoras deve ser destacado como um diferencial que lhes permite ter acesso ao cenário analisado.

O PLH é um campo interdisciplinar que estuda a transmissão, manutenção e ensino-aprendizagem do português nas comunidades de brasileiros – e outros grupos lusófonos – em contexto de imigração. Em outras palavras, trata-se de um contexto no qual o idioma é deslocado de um espaço de uso majoritário e é mantido como uma língua minoritária por famílias e grupos que se identificam com ele (Andreia S. Moroni, 2017; Gomes, 2017; Pereira, 2020). Os usos e conhecimentos na língua de herança (LH) costumam ser muito heterogêneos nas comunidades de falantes, podendo distribuir-se dentro de um *continuum*

de competências (Lynch, 2008) e ocorrer dentro de paradigmas plurilíngues (García, 2009; Andreia S. Moroni, 2020). As motivações para manter este idioma estão muito vinculadas às relações afetivas e identitárias que o permeiam, ou seja: à possibilidade de poder se comunicar com a família de origem em território de língua majoritária portuguesa – no caso, o Brasil – e de que as novas gerações, que crescem no exterior, se identifiquem, em nosso contexto, também como brasileiras.

Devido à pandemia, as aulas presenciais direcionadas à promoção e manutenção do PLH de uma associação na Catalunha foram adaptadas para uma proposta à distância, on-line, de modo a dar continuidade ao curso e buscar coerência nesse novo cenário. Com a cibercultura, as possibilidades relacionais expandiram-se, configurando novas formas de discursos e diferentes tipos de interação (Lemos e Levy, 2010). Exploramos as práticas sociais e a mobilidade disponível pela nova concepção de espaço/tempo introduzida pelo *smartphone* por meio da convergência midiática, no que diz respeito às transformações sociais e culturais, e à produção de conhecimento (Jenkins, 2006; Santaella, 2007).

### **Quando as portas se fecharam e novas janelas se abriram [Andreia]**

Em outubro de 2018, comecei a dar aulas presenciais de PLH a um grupo de crianças de 4 a 6 anos numa associação comunitária de Barcelona. As aulas desta modalidade de ensino não são aulas de língua estrangeira, mas consistem em momentos de ampliar as vivências em português e o conhecimento sobre as práticas culturais brasileiras dos alunos, ao mesmo tempo que ampliam suas competências em língua portuguesa. As atividades propostas para esta faixa etária transitam entre diferentes linguagens e formatos, não raramente fusionando os espaços da expressão corporal, música ou artes plásticas, com destaque para o brincar como forma de promover a coesão e a partilha de experiência no grupo (Andreia S. Moroni, 2020). Como eixo temático, o tema anual escolhido pelas professoras da associação havia sido “diversidade” e a turma em questão, com 11 alunos, havia trabalhado até esse momento do curso letivo, iniciado em setembro de 2019, a diversidade funcional e a cultura afro-brasileira. Como especificidade, o trabalho com a língua de herança em sala de aula, quando mediado por um professor, tem como ponto de partida as vivências familiares e origens de seus alunos e expande-se a partir daí (Boruchowski, 2015; Destro; 2015).

Foi em meio aos preparativos para uma oficina de capoeira, nos quais o grupo já havia recebido a visita da professora oficina, aprendido um corrido para recebê-la, ouvido a

narração do livro infantil *Lá vai o Rui...* (Rosa, 2004) em que a capoeira é uma das atividades da rotina do protagonista, que as portas das casas se fecharam no dia 14 de março com o *estado de alarma* na Espanha. As crianças estariam impedidas de sair completamente por mais de um mês<sup>3</sup>. Confinados, procurei adaptar o formato das aulas para uma proposta à distância, on-line. Foram identificados novos direcionamentos para o trabalho pedagógico: 1) a possibilidade de que professora e alunos mantivessem o contato, ou que algum contato fosse mantido com o “mundo exterior” além da casa de cada um; 2) o entretenimento de qualidade e de forma potencialmente prazerosa, que pudesse amenizar as privações por que todos passavam e apoiar por alguns instantes as famílias nas ideias e na disposição para o brincar ou o criar com seus pequenos; 3) atividades que proporcionassem às crianças interação.

A partir dessas reflexões, o novo formato, experimental e passível de ajustes desde que se iniciou, também passou a ocorrer aos sábados pela manhã e era composto por dois momentos. O primeiro consistia numa *live* realizada pelo Instagram da professora, focada na contação de histórias, à qual se seguia uma atividade manual apropriada para essa faixa etária ou brincadeira com materiais disponíveis em casa. O segundo consistia num encontro por Zoom com os alunos matriculados no curso. O relato desta experiência se centra nas *lives*, que, a convite da produtora cultural Daniela Fabiano, passaram a integrar, logo na primeira semana de *lockdown*, a programação cultural da conta de Instagram @tamojuntonalive. Feita de brasileiros e para brasileiros, a proposta buscava amenizar o período de confinamento da comunidade. O que se iniciou como a adaptação de uma aula presencial, emitida por uma conta pessoal (a primeira aula foi feita por minha conta, @andreiamoroni), se transformou num quadro, batizado de “Histórias dos Confins” – jogo de palavras que aludia às origens distantes de algumas histórias, à distância de nossos usos em português no país de origem, o Brasil, e ao confinamento. E então as janelas dos aplicativos de celulares e *tablets* se abriram para esta nova experiência.

### **Enquanto isso, num país distante... [Artemis]**

No Brasil, no mesmo período, houve a mudança do trabalho presencial para o remoto, para quem não atuava em serviços essenciais (Brasil, 2021b), bem como as novas recomendações

---

<sup>3</sup> A partir do dia 26 de abril de 2020, autorizou-se que menores de 14 anos saíssem por uma hora ao dia para passear, brincar ou fazer exercício.

e discrepâncias com relação ao isolamento social, já que havia pouco conhecimento sobre o vírus. O COVID-19 começou lenta e timidamente em comparação com outros países. A exemplo do que acontecia em outros lugares, novas dificuldades surgiram, por exemplo, a continuidade e acompanhamento das atividades escolares; a prática de atividades físicas; o cuidado redobrado com os idosos. Muitos perderam seus empregos. Movimentos de solidariedade aconteceram e permaneceram. Mas pessoas familiarizadas com os aparatos tecnológicos rapidamente se adaptaram ao trabalho remoto. Observou-se vantagens nessa nova rotina, como a economia de tempo e de custos dispendidos em deslocamentos. As reuniões de trabalho passaram a ser realizadas *on-line*, verificando-se ganho de produtividade em alguns casos. Algumas famílias aprenderem a se reunir virtualmente, promovendo acontecimentos e celebrações. As *lives* se tornaram comuns, em diferentes contextos (cultural, social, político). Eventos e congressos presenciais importantes passaram a acontecer remotamente, a custos reduzidos, aumentando expressivamente o número de participantes. Bibliografia digital restrita foi disponibilizada por editoras como ACM DL, Elsevier e Springer, entre outras. Pode-se dizer que a pandemia, de certo modo, desencadeou uma dinâmica de democratização do conhecimento, na qual publicações e conteúdos pagos tornaram-se acessíveis. As *lives* de PLH aqui relatadas podem ser consideradas parte dessa dinâmica.

### **Entre gatos e coelhos [Andreia]**

O início do trabalho de PLH em formato de *lives* se deu a partir da perspectiva de uma aula ou de atividades adaptadas ao perfil do grupo de alunos e alunas das aulas presenciais. Assim, a temática escolhida para a primeira *live* foi “gatos”, sendo a primeira história selecionada *O gato de botas*. Trabalhar com a contação de histórias foi uma das estratégias definidas para as *lives* pois, por um lado, as crianças se interessavam e gostavam de ouvir histórias contadas (tanto pela leitura de livros como as narradas) na aula presencial. Essa abordagem permitia, ainda, realizar um trabalho com língua e cultura focado na figura no professor/contador: é possível adentrar o universo da literatura infantil, tanto na modalidade escrita como na oralidade, apresentar novo vocabulário, desenvolver nos alunos a capacidade de entender um enredo ou dar a conhecer outros referentes de lugares e práticas culturais, entre outros aspectos.

Como estávamos todos em casa, também acreditei ser conveniente mostrar um pouco da intimidade de minha vida familiar aos alunos – e assim poderíamos compartilhar mais desse universo, que sempre teve protagonismo no PLH. A partir da temática “gatos”, pude mostrar a eles, no dia 21 de março, nosso gato, o Chope. Ensinar trava-línguas como “O rato roeu a roupa do rei de Roma” ou “Três pratos de trigo para três tigres tristes” – e explicar que haveria um rei na história e que tigres e gatos são felinos. Contar a história e, depois – ainda sem saber quais seriam os desdobramentos – pedir à Sofia, minha filha de 10 anos, que me ajudasse a mostrar como fazer a brincadeira da cama de gato, em que um cordão comprido, com as duas pontas amarradas, é entrelaçado pelas mãos e assume formas diferentes. A brincadeira deve ser feita com mais alguém, que pega o barbante e o transforma a cada movimento de pegar o cordão do colega. Sofia, aliás, conhecia a brincadeira muito melhor do que eu e foi a “instrutora” das crianças menores que nos assistiam do outro lado do celular. Sofia interagiu com segurança e desenvoltura em sua participação na *live*, mesmo sabendo da transmissão ao vivo.

Após essa primeira experiência, percebi que, se ela se demonstrasse receptiva, eu poderia envolvê-la na preparação das *lives* e contar com sua participação de forma mais ativa e com maior protagonismo. As motivações para tentar essa abordagem eram diversas: eu também era uma mãe brasileira imigrante que havia se empenhado em transmitir o português aos filhos, atuando com PLH em casa, e não só como professora; Sofia havia frequentado as aulas da associação onde eu lecionava por três anos e estava familiarizada com a proposta e as temáticas das aulas; eu e ela também estávamos confinadas, e a preparação e realização das *lives* seriam uma forma de entretê-la e de fazermos uma atividade prazerosa juntas – precisamente o mesmo que eu desejava proporcionar às famílias de meus alunos. Além disso, a preparação e a participação nas *lives* seriam uma motivação para que ela usasse o português, uma forma de valorizar seus conhecimentos na língua, minoritária em nosso entorno catalão, e um novo contexto de uso do idioma. Por último, duas pessoas na *live* davam mais jogo para diálogo e outras formas de interação que uma *live* conduzida por uma pessoa só; e Sofia, com 10 anos, era um referente de criança maior, falante de português (e transitando pelas outras línguas de seu repertório linguístico), para meus alunos.

Dessa forma, com a Páscoa se aproximando, eu e Sofia começamos a *live* seguinte, no dia 28 de março, discutindo sobre quem era o Coelho da Páscoa (personagem que não existe no folclore da Catalunha). Conversamos sobre o roteiro anteriormente, e as conversas eram

informais, de modo a combinar de que falaríamos e o que faríamos. Ao vivo, eu fazia perguntas e ela respondia de acordo com o que conhecia sobre o personagem e seguindo o jogo de acreditar no faz-de-conta para manter o encantamento dos menores. Lemos, também, a duas vozes, o livro *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado – uma história sobre coelhos e diversidade. E, para concluir, fizemos coelhos com potes de iogurte vazios e papelão de embalagem de alimentos.

Nas duas semanas seguintes, ainda em torno à temática “coelhos” e “Páscoa”, a dinâmica se consolidou. No dia 31/03, contei a fábula *A lebre e a tartaruga*, acompanhada de uma explicação sobre o que são as fábulas. A atividade manual proposta, dando sequência à apresentada na semana anterior, foi fazer, também com um pote de iogurte, uma tartaruga, personagem da história. Sofia participou mostrando os materiais necessários no início da *live*, para que as famílias pudessem prepará-los, e demonstrando como confeccionar a tartaruga. No dia 04/04, começamos a sessão cantando juntas uma cantiga infantil, “Coelhinho da Páscoa, que trazes pra mim”, seguida de uma conversa sobre porque coelhos e ovos são símbolos da Páscoa. A partir daí, passamos a incluir uma música no início, enquanto a audiência ia se conectando. Foi lida ainda, a duas vozes, a história “O coelho Rataplã”, do livro *Historinhas de contar* (Caputo & Briant, 1999) – uma história com muitos diálogos, uma característica adequada para a leitura a duas vozes. Por último, enfeitamos ovos de galinha cozidos com canetinhas hidrocor, cola colorida e tinta aquarela. Também foi gravada para as crianças a leitura de uma carta recebida do Coelho esclarecendo se haveria entrega de ovos de chocolate durante o confinamento (Andreia Moroni, 2020a) e, em outra *live*, Sofia, que em nossa performance havia encontrado a carta, foi entrevistada como testemunha em formato similar ao de jornal televisivo.

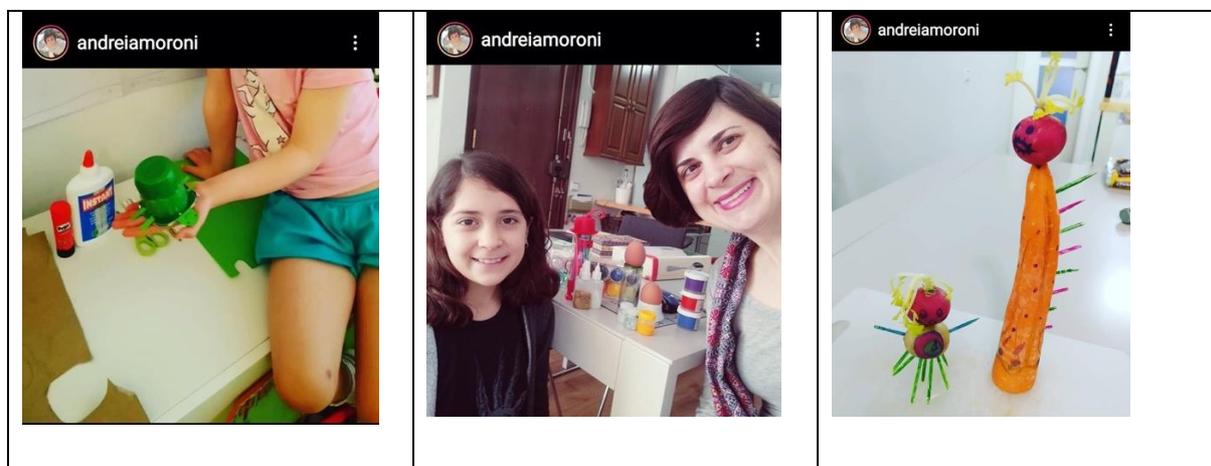


Imagem 1. Tartaruga feita por uma aluna. Registro da família durante a live. 31/03/2020.	Imagem 2. Tudo pronto para pintar os ovos de galinha. 04/04/2020.	Imagem 3. Criações com legumes após a lenda da mandioca: Rabatata (de Sofia) e Volímpica (de Andreia). 25/04/2020.
--	---	--

## Almoço em família [Artemis]

No Brasil, em consequência da Covid-19, passei a fazer as compras essenciais para meus pais, os bisavós de Sofia. Essas atividades eram anteriormente executadas pela bisavó, que gostava de caminhar pelo bairro, e por *delivery*, o que implicava na entrada do entregador na casa. Era a época do confinamento total dos idosos e da higienização de todas as compras. A bisavó sentia falta de seus passeios e dos rápidos contatos sociais que aconteciam durante as suas caminhadas. Diante da necessidade de que os idosos evitassem ao máximo contatos sociais para não se contagiar, passei a realizar as compras, a higienização, e, às vezes, a providenciar o almoço para eles. Passamos a almoçar juntos, o que era raro na época do trabalho presencial. Durante o almoço, eu colocava as *lives* das Histórias dos Confinos para os bisavós assistirem, às vezes gravadas, outras vezes ao vivo. Isto criava um raro contexto familiar: avó e bisavós almoçando juntos, assistindo às apresentações da filha/neta e neta/bisneta, em sua casa, do outro lado do oceano, onde os bisavós nunca tinham estado.

Durante o almoço, os níveis de atenção na *live* eram diferentes. O bisavô acompanhava atentamente as apresentações da neta e bisneta, tecendo comentários, corrigindo, complementando o que assistia. A bisavó, ocupada em servir a refeição, observava a neta e a bisneta, como estavam penteadas, vestidas, o crescimento da menina. Eu, por minha vez, observava a nova dinâmica familiar. Aconteceram mais almoços “reunindo” esses membros da família do que em qualquer outra época. Findadas as apresentações, o assunto continuava, fosse através de comentários sobre o conteúdo das *lives* ou sobre a performance das apresentadoras, fosse em conversas por telefone com elas ou com outros membros da família. Embora não tenham sido pensadas para nossa família, as *lives*, de certo modo, trouxeram uma nova dinâmica para as formas de relacionamento entre estas quatro gerações da família, aumentando minha convivência com os bisavós nos almoços frequentes e aproximando as gerações entre cada lado do oceano, já que conversar sobre as *lives* passou a ser conversar sobre uma experiência compartilhada por todos.

### Contação de histórias e seus desdobramentos [Andreia]

As primeiras *lives* ficavam disponíveis nos *stories* do Instagram por 24 horas. A partir do dia 22 de abril, algumas passaram a ficar gravadas no aplicativo e foi se configurando numa programação cultural, focada em PLH – e pensada para crianças de origem brasileira residentes fora do Brasil –, emitida aos sábados, até o final do curso, em 13 de junho. Outras temáticas abordadas foram alimentação e culinária afetiva, com a participação de representante da ONG Carlotas; lendas (Tamo Junto na Live, 2020c; 2020d) e cultura indígena (Tamo Junto na Live, 2020a); o dia do português língua de herança, comemorado em 16 de maio, um sábado, quando foi feita a leitura da edição bilíngue em espanhol e português do livro *Um dedinho de prosa* (Joaquim, 2018), sobre o tema, e valorizando o repertório bilíngue dos falantes de herança, já que Sofia foi a responsável pela leitura do texto em espanhol (Tamo Junto na Live, 2020b); festas juninas (Andreia Moroni, 2020b).

Durante a transmissão ao vivo, a interação com os participantes ocorria a partir das notificações, que informavam aos “presentes” quando mais alguém passava a assistir a *live*. Ao saber quem se conectava, era possível a nós, já mais como apresentadoras que como professora e sua filha, cumprimentar esses participantes de forma personalizada – e as crianças que sabíamos que os acompanhavam. Isso era viável porque a audiência das *lives* se situava entre as 10-20 pessoas, o que tornava possível ler e responder verbalmente a grande maioria dos comentários de texto enviados pelo público durante a transmissão.

E, já que o projeto se ampliava e a programação semanal era divulgada com antecedência, também foram feitos alguns esforços de divulgação entre amigos e familiares. Aos alunos do curso, foram-se somando alguns outros participantes regulares e esporádicos. A famílias de PLH de outras regiões da Espanha e lugares como Itália, Alemanha, Reino Unido, somaram-se familiares no Brasil e no México, que geralmente assistiam à gravação posteriormente, devido à diferença de horário.

Após a *live*, passamos a receber, por WhatsApp, registros de como as crianças acompanhavam as atividades em suas casas: às vezes uma foto tomada pelo pai ou pela mãe da atividade manual concluída, uma mensagem de texto ou de áudio contanto que a família fez a brincadeira proposta, uma dúvida ou consulta adicional das crianças sobre a história ou tema abordado.

A essas experiências, se somava o diálogo com os bisavós por telefonemas, nos quais as *lives* eram comentadas. Numa das conversas, o bisavô nos explicou uma brincadeira que fazia com grãos de feijão quando criança: dois jogadores separam dez grãos de feijão e, alternando-se, podem retirar um ou dois. Perde quem ficar com o último. A brincadeira foi ensinada numa *live* seguinte (com devido crédito para nosso colaborador) e cumpríamos, com essa colaboração espontânea, um dos propósitos das aulas de PLH: promover o resgate da cultura da infância e do brincar no Brasil e a transmissão às gerações seguintes. Uma brincadeira do interior do Estado de São Paulo, praticada mais de 75 anos atrás, foi ensinada e brincada por crianças de origem brasileira na Europa. Essa foi uma nova partilha intergeracional para nós, em português, e dotou de significado adicional esse momento – além de ter sido uma experiência afetiva para nós.

## Engajamento dos bisavós [Artemis]

Interações de longo termo, ou engajamento, são objetivo dos pesquisadores da área de Interatividade. Leite et al. (2013) apresenta exemplos de interação de longo termo referindo-se a períodos que variam de 15 a 35 minutos até 9 horas; nesses dois casos em particular, refere-se a robôs interagindo com idosos (Wada e Shibata, 2006; Sabelli et al., 2011). Saudações e despedidas são exemplos de comportamentos de rotina relevantes para a manutenção das relações sociais. Tais comportamentos são observados nos experimentos de interação humano robô (Artemis Moroni et al., 2020; Trovato et al., 2017) e, quando eles acontecem, verifica-se que há engajamento.

As *lives* chegavam a durar até uma hora. Ao final das apresentações, os bisavós sempre se despediam com um aceno de mão, ainda que, devido à diferença de fuso horário, às vezes estivessem assistindo às gravações, e não propriamente às *lives*, e não pudessem ser vistos por quem realizava a *live*. Observar esse comportamento comprovava, entre outros aspectos, o engajamento de ambos com a experiência. Como mencionado, ambos faziam comentários e até mesmo respondiam a perguntas durante as apresentações. Num momento marcado por tantas restrições, apresentou-se uma possibilidade de participação e interação num contexto doméstico, modificando o convívio familiar.

Vale a pena comentar aqui a iniciativa japonesa Sociedade 5.0, que visa aplicar tecnologias emergentes para criar uma sociedade ciberfísica superinteligente mais centrada no ser humano, capaz de responder precisamente a uma ampla variedade de necessidades sociais.

O objetivo consiste em criar uma sociedade na qual todos os tipos de pessoas possam obter prontamente serviços de alta qualidade, superar diferenças de idade, gênero, região e idioma, e viver uma vida vigorosa e confortável (Takahashi, 2018). Aparentemente, no Ocidente, essa sociedade está emergindo em alguns contextos, e a experiência aqui relatada pode ser um indício disso.

### Considerações finais

Neste relato de experiência, descrevemos como as *lives* consistiram num novo formato de trabalho com PLH direcionado não só às crianças, mas também às famílias, já que era necessária a presença do adulto para conectar o dispositivo e apoiar na realização de algumas atividades propostas. Embora tenham sido pensadas para crianças, as repercussões continuaram dentro das casas dos que as assistiam e entre as gerações, pois tanto por nossa experiência pessoal relatada aqui como pelos registros e relatos das famílias que nos chegavam, as *lives* proporcionaram a interação entre as gerações ao executar as propostas de atividades manuais, fazer as brincadeiras ou conversar sobre os temas abordados (relacionados à Brasil, literatura infantil e cultura da infância). As *lives* atenderam, ainda, uma nova necessidade social, a de manter relações no cenário de confinamento/restrições, indo ao encontro das demandas de crianças (entretenimento de qualidade, aprender PLH), adultos (apoiar os pais e mães destas crianças nesse período) e inclusão de idosos, os quais, devido à pandemia, se viam em uma situação social extremamente restrita. Constatamos que não há limite de idade para o engajamento com a *live*, tendo este sido observado desde participantes de dois anos de idade (irmãos dos alunos do curso) até octogenários (os bisavós).

Como experiência familiar, houve a participação de quatro gerações da família, aproximação entre os participantes e novas funções sociais de uso do português, bem como a possibilidade de resgatar experiências dos familiares mais velhos sobre o brincar e sua infância para transmiti-las às próximas gerações (a exemplo da brincadeira dos feijões). Assim, os bisavós passaram de expectadores a coadjuvantes, suprindo material para uma próxima *live* por meio da transmissão de uma prática e, desta forma, preservando-a. Estas outras formas de expressão e novas dimensões de tempo e espaço permitiram aos participantes ocupar diferentes lugares ao mesmo tempo, intervindo nos processos individuais e coletivos nos mais diferentes territórios.

Destacamos que a dinâmica prevista em algumas discussões sobre currículo de PLH (Boruchowski, 2015; Destro, 2015), de ter as relações familiares como ponto de partida para expandir os conhecimentos em PLH, de certa forma se inverteu com as *lives*: no caso da experiência relatada, o ponto de partida consistia no ensino de PLH e uma das consequências observadas foi a expansão (ou estreitamento) dos vínculos familiares a partir desse propósito. Devemos, assim, levantar a possibilidade de novos estudos que observem como as estratégias para ensino, transmissão e manutenção de PLH podem impactar as relações entre os membros de uma mesma família implicados num projeto desta natureza.

Ocorreu, ainda, uma inversão de papéis, pois os bisavós octogenários, antes tutores, tornaram-se aprendizes. Puderam participar de eventos que aconteciam em outro continente, os quais os colocaram em uma situação que lhes era conhecida, mas que foi apresentada de uma maneira nova, inclusiva e dentro de um contexto extremamente significativo, o de aprofundar os vínculos com a neta e a bisneta ampliando as experiências de vida compartilhadas com as mesmas – à distância e, às vezes, de modo assíncrono.

Sendo assim, o contexto em questão é palco de novas relações e trocas de afetividades. As tecnologias de comunicação e informação permitem a inserção nesses novos processos que resultam em transformações não apenas tecnológicas e mercadológicas, mas em alterações nas interações e práticas sociais, bem como na produção do conhecimento. Afetividade e tecnologia, são, portanto, uma possibilidade nessas novas configurações.

## Referências

- Andreia Moroni (@andreiamoroni). (2020a, 11 de abril). *!!U R G E N T E !! Carta do Coelho da Páscoa*. [Vídeo]. Instagram. <https://www.instagram.com/tv/B-1kEMnHkWB/>
- Andreia Moroni (@andreiamoroni). (2020b, 7 de junho). *FESTA JUNINA! A história que a quadrilha conta*. [Vídeo]. Instagram. <https://www.instagram.com/tv/CBIXLTLofeH/>
- Association for Computer Machinery. (2021, 30 de maio). ACM Digital Library. <https://dl.acm.org/>.
- Boruchowski, Ivian D. (2015). Diretrizes e princípios norteadores para um currículo de língua de herança. In: F. Jennings-Winterle, M. C. Lima-Hernandes (orgs.). *Português como língua de herança: A filosofia do começo, meio e fim* (p. 160-173). Brasil em Mente.
- Brasil. (2021a, 30 de maio). Coronavírus Brasil. <https://covid.saude.gov.br/>
- Brasil. (2021b, 30 de maio). Serviços essenciais – COVID-19. <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/imagens/servicos-essenciais-covid-19#:~:text=Tamb%C3%A9m%20s%C3%A3o%20consideradas%20essenciais%20as,p%C3%BAblicos%20e%20das%20atividades%20essenciais.>

- Caputo e Briant (1999). *Historinhas de contar*. Companhia das Letrinhas.
- Destro, I. (2015). Conteúdos de PLH. In: K. A. Chulata (org.). *Português como língua de herança: Discursos e percursos* (p. 121- 136). Prensa Multimidia.
- Elsevier. (2021, 30 de maio). Elsevier. <https://www.elsevier.com/pt-br>
- García, Ofelia. (2009). *Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective*. Wiley-Blackwell.
- Gomes, Juliana Azevedo. (2017). *Português como lengua de herencia en un contexto de lenguas hermanas: El caso de los hijos de brasileños que viven en Barcelona*. (Tese de doutorado). Universitat de Barcelona, Barcelona.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: Where old and new media collide*. New York University Press.
- Joaquim, Cassiana da S. (2018). *Um dedinho de prosa*. Brasil em Mente.
- Leite, I., Martinho, C. e Paiva, A. (2013). Social Robots for Long-Term Interaction: A Survey. *Int J of Soc Robotics* 5, 291–308. <https://doi.org/10.1007/s12369-013-0178-y>
- Le Moignan, E., Lawson, S., Rowland, D, Mahoney, J. e Briggs, P. (2017) Has Instagram Fundamentally Altered the 'Family Snapshot'? *Conference on Human Factors in Computing Systems, Colorado, USA*. <https://doi.org/10.1145/3025453.3025928>
- Lemos, André e Lévy, Pierre. (2010). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. Paulus.
- Lynch, A. (2008). The linguistic similarities of Spanish heritage and second language learners. *Foreign Language Annals*, 41(2), 252-281.
- Moroni, Andreia S. (2020). O professor de português como língua de herança e o acolhimento de translínguas em sala de aula. *Revista X*, 15(1), 157-180.
- Moroni, Andreia S. (2017). *Português como língua de herança na Catalunha: representações sobre identificação, proficiência e afetividade*. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas.
- Moroni, Artemis, Ramos, Josué, Oliveira, Gustavo. (2020). Minha Colega Ana, Recepcionista Robótica. VII Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas, São Paulo.
- Pereira, Marília Pinheiro. (2020). O ensino de português como língua pluricêntrica: perspectivas e desafios em um contexto de herança. In: A. Souza e M. L. Ortiz Alvarez (orgs.). *Português como língua de herança: uma disciplina que se estabelece*. Pontes Editores.
- Rosa, Sonia. (2004). *Lá vai o Rui...* São Paulo: DCL.
- Sabelli, A., Kanda, T. e Hagita, N. (2011). A conversational robot in an elderly care center: an ethnographic study. In: *Proceedings of the 6th international conference on human-robot interaction*, 37-44. ACM.
- Santaella, Lúcia. (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. Paulus.
- Springer. (2021, 30 de maio). Springer Science Books. <https://www.springer.com/>
- Takahashi, Taiki. 2018. Behavioral Economics of Addiction in the Age of a Super Smart Society: Society 5.0. *Oukan Journal of Transdisciplinary Federation of Science and Technology* 12: 119–22. DOI: 10.3390/socsci8050148
- Tamo Junto na Live (@tamojuntonalive). (2020a, 22 de abril). Andreia e Sofia em mais uma das super lives para baixinhos e grandinhos. [Vídeo]. Instagram. [https://www.instagram.com/tv/B\\_RxRRvIXbc/](https://www.instagram.com/tv/B_RxRRvIXbc/)
- Tamo Junto na Live (@tamojuntonalive). (2020b, 16 de maio). *Dia do Português como Língua de Herança*. [Vídeo]. Instagram. <https://www.instagram.com/tv/CAPpR3rlqya/>
- Tamo Junto na Live (@tamojuntonalive). (2020c, 23 de maio). Histórias dos Confinis: “Samburá de Lendas”. [Vídeo]. Instagram. <https://www.instagram.com/tv/CAhpiyVooJa/>

# PANORAMAS 2021

15 AL 18 JUNIO  
UNIVERSITAT POLITÈCNICA  
DE VALÈNCIA/ESPAÑA

VIII simposio internacional  
de innovación en medios  
interactivos

#20. ART

8vo. Balance-Unbalance  
arte+ciência x tecnologia =  
medioambiente/  
responsabilidad

- Tamo Junto na Live (@tamojuntolive). (2020d, 30 de maio). *Histórias dos Confins: Curupira*. [Vídeo]. Instagram. <https://www.instagram.com/tv/CAzsjnclo3b/>
- Trovato, G., Ramos, J., Azevedo, H., Moroni, A., Magossi, S., Simmons, R., Ishii, H., & Takanishi, A. (2017). A receptionist robot for Brazilian people: study on interaction involving illiterates. *Paladyn, Journal of Behavioral Robotics*, 8, 1-17. <https://doi.org/10.1515/pjbr-2017-0001>
- Wada, K., Shibata, T. (2006) Robot therapy in a care house-results of case studies. In: *The 15th IEEE international symposium on robot and human interactive communication* (pp. 581–586). ROMAN 2006. IEEE.